

CARAMBAIA

**Frederic
Manning**

**Soldados
rasos**

Tradução
Fal Azevedo

Introdução
Simon Caterson

INTRODUÇÃO 7

Simon Caterson

SOLDADOS RASOS 17

CRONOLOGIA 379

Introdução
**As desventuras
do soldado 19022**

O melhor romance sobre a Primeira Guerra Mundial foi escrito pelo mais improvável dos autores – e aí reside o segredo de sua força. Admirado por contemporâneos como Ernest Hemingway, E. M. Forster, T. S. Eliot, Ezra Pound e T. E. Lawrence, *Soldados rasos*, de Frederic Manning, foi publicado pela primeira vez em Londres, em 1929, com o título *The Middle Parts of Fortune: Somme and Ancre, 1916*, sob pseudônimo e em tiragem restrita a poucas centenas de cópias. Uma versão com cortes, intitulada *Her Privates We*, saiu um ano depois. Ambas as versões eram assinadas por Soldado Raso 19022 – a identificação militar de Manning. O texto original usado na presente edição só voltou a circular na Inglaterra em 1977 e nunca havia sido publicado na Austrália até recentemente. De todos os romances sobre a Grande Guerra, este que nos chega agora é o mais autêntico e comovente do gênero.

O destino de Frederic Manning não era ser soldado e muito menos produzir um relato tão corajoso e franco sobre a vida nas trincheiras. Nascido em Sydney em 1882, foi uma

criança mimada e frágil, que mais tarde viria a se tornar um dândi expatriado e recluso. Seu pai foi um dos homens mais poderosos de Nova Gales do Sul. Filho de um padeiro que emigrara da Irlanda, Sir William Manning se tornou um dos principais financistas da colônia e cumpriu vários mandatos como prefeito de Sydney. A mãe irlandesa de Frederic, Honora, figura de personalidade forte, viveu mais que vários de seus sete filhos, dos quais Frederic era o quarto. Foi ela quem enterrou Manning na Inglaterra, em 1935.

Manning era um homem franzino e se vestia com calculada elegância. Sofria de asma crônica e ao longo da vida foi vítima de variadas doenças e enfermidades que, segundo os biógrafos Jonathan Marwil e Verna Coleman, dividiam-se entre reais e imaginárias. Com exceção de um período de seis meses em que frequentou a Sydney Grammar School, aonde chegou em 1897, Manning foi educado na mansão da família em Elizabeth Bay. Leitor voraz, com facilidade para línguas, começou cedo a escrever poesia. Reservado por natureza, atraía pessoas com personalidade forte, que depois descobriam que aquela passividade inicial podia se revelar provocadora e exasperante.

Após ter retirado Manning, então com 15 anos, da Sydney Grammar School por problemas de saúde, a família nomeou o inglês Arthur Galton como tutor do menino. Galton havia chegado da Inglaterra poucos anos antes para assumir o cargo de secretário particular do governador de Nova Gales do Sul. Amante das artes e amigo de Matthew Arnold, Galton tinha grandes planos para seu protegido e, logo depois da nomeação como tutor, acertou com a família a mudança de Manning para a Inglaterra.

Começava, então, uma intensa parceria literária e, embora não se tenha notícia de envolvimento sexual, de alto grau de intimidade. O contato durou até a morte de Galton, em 1921.

Após um breve retorno à Austrália em 1903, Galton e Manning se estabeleceram no vilarejo de Edenham, perto de Bourne, em Lincolnshire. Com auxílio das remessas de dinheiro da família, que sustentariam Manning pela vida toda, embarcaram na carreira literária do jovem. Galton tinha muitos contatos nos círculos intelectuais e apresentou Manning a figuras centrais da época, como W. B. Yeats e Ezra Pound, que viria a se tornar um amigo próximo. Os poemas e resenhas de Manning eram publicados no *Spectator*, cujas colunas algo herméticas ele ocupou como resenhista-chefe por sete anos, até 1914.

Manning foi um exemplo acabado da máxima de Thomas Mann segundo a qual o ato de escrever é mais penoso para escritores do que para outras pessoas. No obituário que escreveu sobre Manning para a *Criterion*, T. S. Eliot afirma que “a energia despendida pelo autor na re-criação e na destruição do que havia escrito seria suficiente para compor toda uma série de obras menores”. Além de poemas e resenhas, Manning publicou apenas meia dúzia de livros em trinta anos. Sua primeira obra em prosa de mais fôlego, publicada em 1909, foi *Scenes and Portraits*, uma coleção de diálogos e monólogos curtos situados em diferentes contextos históricos e idealizados para esclarecer as ideias altamente elaboradas que Manning tinha sobre religião e destino. O livro não causou grande impacto para além do círculo literário imediato do autor, mas atraiu a admiração de T. E. Lawrence e, vinte anos depois, resultou em uma relação de amizade entre os dois.

Os interesses intelectuais de Manning eram os de um autodidata aplicado. Verna Coleman resume de maneira curiosa algumas das contradições do autor, que foi “católico e filósofo epicurista; cético e crente; conservador e democrata; recluso com um dom para fazer amigos; e soldado na pior das batalhas modernas, mas que, antes da guerra,

tinha medo de circular por Piccadilly Circus”. Essa falta de ponto de vista convencional – para não mencionar a ausência total de qualidades bélicas – permitiu que Manning observasse a Primeira Guerra como nenhum outro escritor.

Quando a guerra começou, em 1914, Manning uniu-se ao 7º Batalhão Real de Infantaria Leve de Shropshire. Ao contrário de Bourne, seu protagonista, que prefere “o anonimato dos praças”, Manning tentou se tornar oficial e só se juntou aos soldados rasos depois de ter sido reprovado por bebedeira em um curso de formação de oficiais. Sua unidade participou de ações no Somme e no Ancre em 1916. Os detalhes do envolvimento de Manning são obscuros, mas sabemos que seus nervos sofreram com os pesados bombardeios e que ele sentiu os efeitos do gás mostarda. Apesar das dificuldades, seus relatos do front expressam a mesma perspectiva dúbia, mescla de envolvimento emocional e distanciamento filosófico, que viria a embasar seu romance. A um amigo, escreveu: “Às vezes, sinto medo, mas geralmente com o medo vem uma indiferença, que não chega a ser moral o suficiente para ser descrita como resignação”.

Manning seguiu determinado a se tornar oficial. Em 1917, mudou-se para Dublin a fim de se juntar ao 3º Batalhão do Regimento Real Irlandês, onde se tornaria segundo-tenente. Em poucos dias, foi preso por bebedeira, julgado em corte marcial, condenado e advertido. Manning nunca mencionou as bebedeiras nas cartas a amigos. Depois do episódio, pediu permissão para deixar o oficialato, o que aconteceu em fevereiro de 1918.

Terminada a guerra, Manning retomou a vida de recluso e amante eduardiano das artes. Foi necessária a entrada de outra personalidade forte em sua vida para motivá-lo a tratar da experiência na guerra de modo mais aprofundado: o jovem editor Peter Davies, também veterano da batalha do Somme e que conheceu Manning no início da década

de 1920. Na infância, Davies servira de inspiração para o escritor J.M. Barrie, amigo da família, na criação de Peter Pan. A fama crescente do personagem se traduziu em uma existência de grande tristeza para Davies, que se matou em 1960, atirando-se embaixo de um trem.

Davies declarou certa vez que tentou por nove anos convencer Manning a escrever sobre sua participação no front até que, finalmente, o momento se mostrou propício à publicação de livros sobre a Grande Guerra. Mas, para cumprir a tarefa, Manning precisaria mudar os hábitos de trabalho de uma vida toda. Em 1928, Davies tentou disciplinar a notória tendência de Manning à procrastinação colocando-o em uma espécie de prisão domiciliar em Londres. Assim conseguiria manter seu autor, reconhecidamente lento e indeciso, distante de distrações. A medida funcionou: Manning terminou o manuscrito em seis meses e escreveu tudo de memória, sem nunca precisar voltar aos lugares descritos no livro. “Ao registrar as conversas dos soldados, eu às vezes achava que ouvia vozes de fantasmas”, disse depois.

A confiança de Davies em seu autor foi recompensada. A versão resumida vendeu 15 mil cópias em quatro meses. A imprensa fez especulações sobre a identidade real do autor, que acabou sendo inferida por T.E. Lawrence com base na admiração causada por *Scenes and Portraits*, que lera “pelo menos cinquenta vezes”. Quando Lawrence o procurou, Davies se surpreendeu e, astuto, o fez jurar segredo; em seguida, produziu um panfleto contendo os elogios de Lawrence para distribuição em livrarias.

Soldados rasos integrou uma importante onda de literatura de guerra no final dos anos 1920, período que marcou a publicação de *Goodbye to All That*, de Robert Graves; dos dois volumes de *Memoirs*, de Siegfried Sassoon; e de *Death of a Hero*, de Richard Aldington. A perspectiva clara e descompromissada de Manning difere radicalmente da

de seus contemporâneos em três aspectos fundamentais. Primeiramente, ele não escreve do ponto de vista do oficial de patente egresso de escolas da elite inglesa. Além disso, não expressa a mesma angústia antiguerra. Por fim, e principalmente, Manning se recusa a mostrar o conflito como mera aberração condenável. Ele o enxerga como um mundo à parte, e não como pesadelo imposto a uma Inglaterra que sobrevive apenas em lembranças nostálgicas. A base filosófica dessa abordagem única e atemporal é estabelecida no prefácio do autor e reiterada ao longo do texto.

Manning nos apresenta um mundo em que o horror é normal, em que ser mandado de volta “pra merda”, em mais uma tentativa fútil de avanço tático, se tornou corriqueiro. Bourne, o protagonista, reflete sobre o movimento paradoxal de afirmação e dissolução do sujeito: “O problema que afligia igualmente a todos, embora alguns fossem incapazes de defini-lo ou mesmo relutassem em fazê-lo, estava menos relacionado à morte em si e mais à afirmação dos desejos daqueles homens perante a morte”. Ao apresentar a situação dessa forma, Manning antecipa Albert Camus e os existencialistas, mas o faz num contexto de eventos reais.

Os soldados descritos no romance raramente estão no front. Na maior parte do tempo, estão treinando, cavando trincheiras, lutando contra doenças e parasitas. Morte e ferimentos podiam ser causados tanto por enfermidades e acidentes quanto pela ação do inimigo – quase nunca avisado, aliás.

À maneira de Shakespeare, a quem tinha como modelo de excelência e de quem o romance toma emprestados título e epígrafes, Manning é igualitário no tratamento daqueles que, na guerra, são forçados a lutar e morrer sem necessariamente entender por que tamanho sacrifício lhes é exigido.

Acima de tudo, Manning concede aos soldados o direito de falar em sua própria língua. Tal nível de franqueza e autenticidade foi visto como inaceitável pela maioria dos leitores e resultou na decisão de publicar duas versões do livro. Revigorados pela restauração da explicitude e da violência originais, os diálogos de Manning injetam vida em cenários distantes, retratos em sépia de batalhas incompreensíveis. O maior elogio que Manning podia fazer a seus companheiros era descrevê-los fielmente, e não como outros teriam preferido enxergá-los. Assim como Joyce, Manning é escrupuloso na exposição da experiência humana real, mesmo quando a eleva ao nível de arte.

Soldados rasos devolve dignidade humana a um conflito cuja dimensão, brutalidade e carnificina desafiam a compreensão e cujo horror é facilmente reduzido a denúncia estridente ou estatística fria. Manning enfatiza o fato de que o Exército é composto, na maior parte, não por generais, mas por soldados rasos que a história tradicionalmente trata de modo indiferente: “É o que se denomina, no Exército britânico, cadeia de responsabilidade, o que, por sua vez, significa que toda a responsabilidade pelos erros cometidos por oficiais é atribuída aos soldados rasos”. Nesse contexto, o nome dado ao herói do romance é especialmente significativo. Ao viver seu martírio, ele incorpora a condição humana.¹

Quando Manning morreu, Lawrence comentou: “Por não ser inglês, acabou distanciado dos companheiros”. E embora nunca tenha sido aceito totalmente como inglês, Manning foi rejeitado também pela terra natal. Sua última

1 Em inglês, *borne*, cuja pronúncia é a mesma de Bourne, nome do protagonista, é o particípio passado do verbo *bear*, que significa “carregar”, “suportar” e é frequentemente usado para expressar “carregar/arcar com a responsabilidade”. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO.]

visita à Austrália aconteceu no final de 1932. As notícias de seu sucesso em Londres foram recebidas na Austrália com entusiasmo comedido. Em uma resenha para o *Bulletin*, Nettie Palmer escreveu: “Está aí um nome que poderíamos colocar entre os nossos maiores, se pudéssemos afirmar que ele é mesmo daqui”.

O próprio Manning nunca escreveu sobre a Austrália e demonstrava pouca afeição pelo seu local de nascimento. Ao partir de Sydney pela última vez, anotou em uma carta: “Deixo a Austrália com poucos arrependimentos: o país não tem muito a se recomendar a não ser pelo clima e pelo céu – que está ligado ao clima”.

Trata-se de um autor bom demais, claro, para ser encaixado em uma categoria literária perfeitamente definida. O provincianismo de Palmer não a impediu de perceber um aspecto crucial do apelo do livro: “Bourne não tem raça, raízes ou sotaque”. É essa qualidade universal que faz de *Soldados rasos* um grande romance. Por meio da figura algo remanescente de Jesus com que retrata Bourne, Manning alcança uma objetividade extraordinária em relação aos eventos e, ainda assim, consegue descrevê-los com intimidade convincente. Segundo o prefácio do autor, a narrativa acompanha em detalhes os movimentos da unidade de Manning no campo de batalha.

Bourne demonstra admiração por soldados australianos e poderia facilmente ser identificado como australiano, entre outras nacionalidades possíveis.

Embora a saúde frágil o tenha impedido de se aventurar muito, intelectualmente Manning foi um cidadão do mundo. Quando seu mentor, Galton, morreu, escreveu a um amigo: “Pouca coisa me segura na Inglaterra agora, e sou um daqueles que não têm país”.

Depois do rápido sucesso do livro que viria a se tornar sua obra-prima, Manning retornou serenamente à obscuri-

dade de onde saíra, retomando um de seus vários projetos inacabados: um imenso poema épico. Segundo a historiografia literária, seu legado se resume a pouco mais do que este único clássico perene. Foi um escritor de escritores, que até Lawrence da Arábia achou curioso. *Soldados rasos* é um testamento vivo e pungente não apenas para “o regimento do caralho” com o qual Manning lutou e que viu morrer no front ocidental, mas para soldados em todas as guerras que vieram antes e depois.

OUTRAS LEITURAS

Verna Coleman. *The Last Exquisite: A Portrait of Frederic Manning*. Melbourne University Press, Melbourne, 1990.
Frederic Manning. *Scenes and Portraits*. Peter Davies, London, ed. rev., 1930.
Jonathan Marwil. *Frederic Manning: An Unfinished Life*. Angus & Robertson, Sydney, 1988.

SIMON CATERSON é jornalista, escritor e crítico literário de Melbourne (Austrália). Tem pós-graduação em Literatura pelo Trinity College de Dublin e é autor de *Hoax Nation: Australian Fakes and Frauds from Plato to Norma Khouri* (Arcade, 2009).

Tradução de Jayme da Costa Pinto.

Para Peter Davies,
que me fez escrever
esta história

No chapéu da fortuna, não somos sequer um botão... Então, viveis em volta de sua cintura ou por entre seus favores?... Pela fé, vivemos nós em meio às intimidades da fortuna.

– Shakespeare, *Hamlet*, ato II, cena II

As páginas seguintes são um registro de experiências nos fronts do Somme e do Ancre, com um intervalo atrás das linhas, durante a segunda metade do ano de 1916; e os eventos descritos aqui realmente aconteceram; mas os personagens são fictícios. É verdade que, ao registrar as conversas dos soldados, eu às vezes achava que ouvia vozes de fantasmas. Suas opiniões eram necessariamente parciais e preconceituosas; mas preconceitos e parcialidades fornecem a maior parte da força motriz da vida. É melhor permitir que um anule o outro do que tentar estabelecer uma média entre eles.

Médias são incolores demais, demasiado abstratas, em todos os sentidos, para representar a experiência concreta. Eu não criei retratos; e minha preocupação tem sido, principalmente, com as fileiras anônimas, cuja opinião, muitas vezes baseada em mera suposição e mal informada, mas real e verdadeira para eles, eu tentei representar fielmente.

*A mim, tanto faz; um homem só morre
uma vez; devemos uma morte a Deus [...].
Tome o caminho que tomar, aquele que
morre este ano estará quite para o próximo.*
– Shakespeare, *Henrique IV*, ato III, cena II

A escuridão avançava rapidamente, conforme o céu se enchia de nuvens pesadas e trovões ameaçadores ressoavam. Aqui e ali se ouviam ainda algumas explosões intermitentes. Assim que houve uma pausa no bombardeio, eles começaram a voltar para a formação original da melhor forma possível. Bourne, completamente esgotado, aos poucos foi ficando para trás e, na tentativa de não perder de vista os companheiros, desequilibrou-se e caiu em um buraco deixado pela explosão de uma granada.

Quando conseguiu se erguer, os outros já tinham desaparecido e, incerto da direção a tomar, acabou tropeçando nos próprios pés. Não correu nem diminuiu o ritmo; estava tonto, quase fora de si, e governado apenas pelo desejo de chegar ao fim daquilo. Em algum lugar, em algum momento, dormiria. Quase despencou para dentro da trincheira destruída e, depois de um momento de hesitação, virou à esquerda, pouco se importando aonde aquele caminho o levaria.

O mundo parecia extraordinariamente vazio de homens, apesar de ele saber que o chão fervilhava de soldados. Respirava com dificuldade, a boca e a garganta como que rachadas pela secura; seu cantil estava vazio. Alcançando um abrigo subterrâneo, bateu o caminho, medindo cada passo sob os pés; um pedaço torcido de lona, pendurado no meio da passagem, raspou-lhe a bochecha; um pouco mais adiante, subitamente sentiu o rosto envolvido nas dobras mofadas de um cobertor. O abrigo estava vazio. Deixou-se cair ali mesmo, imediatamente, indiferente a tudo. Depois, com as mãos tremendo, pegou seus cigarros e colocou um entre os lábios, riscando o fósforo. A chama revelou o toco de uma vela preso pelo próprio sebo na tampa de uma lata de tabaco. Ele o acendeu; não era mais alto que uma moeda, mas seria suficiente. Logo terminaria o cigarro e seguiria para encontrar sua companhia.

Havia uma espécie de assento escavado na parede do abrigo e ele notou, pela primeira vez, os restos esfarrapados de um cobertor largado ali; então, entre as dobras do tecido, cintilando secretamente ao reflexo da luz, um pequeno disco de metal: a tampa que recobria a rolha de um pequeno cantil. Alcançou-o, e seu peso deixou claro que estava cheio. Fazendo saltar a rolha do gargalo, levou a garrafa metálica aos lábios e tomou um grande gole antes de descobrir que estava tragando uísque puro. A ardência do líquido quase o sufocou. Surpreso, cuspiu uma boa parte do que ainda tinha na boca. Então, recuperando-se, deu outro gole: menor, mas suficiente. Meditava sobre demorar-se na apreciação da bebida quando ouviu homens bateando o caminho até as escadas. Arrolhou a garrafa, escondeu-a rapidamente sob o cobertor e afastou-se até o que parecia ser uma distância inocente da tentação.

Três escoceses entraram; estavam tão exauridos e aquebrados quanto ele, como pôde perceber pelas vozes ir-

regulares; mas, ocultando seu verdadeiro estado sob um manto de indiferença, contaram-lhe que alguns de seus companheiros viraram à esquerda, na direção de um abrigo a 50 jardas. Eles também tinham se perdido e perguntaram-lhe coisas, mas Bourne não pôde ajudá-los. Começaram, então, uma discussão incoerente sobre qual seria a melhor coisa a fazer em tais circunstâncias. O dialeto no qual falavam permitiu que Bourne acompanhasse apenas parcialmente o que era dito, mas pelo tom da conversa foi fácil perceber a indecisão dos homens, que, de tão cansados, procuravam em suas dificuldades qualquer pretexto para não fazer nada. Subitamente consciente da própria situação, Bourne jogou fora a guimba de cigarro e decidiu partir. A vela bruxuleava, a chama quase extinta; logo o abrigo mergulharia novamente na escuridão. Sufocou, prudentemente, o impulso de contar aos homens sobre o uísque; talvez o encontrassem por si mesmos; era uma questão que poderia ser deixada para a providência ou o acaso decidirem. Estava indo em direção à escada quando uma voz, abafada pela lona, chegou do exterior.

“Quem está aí embaixo?”

Não havia dúvidas quanto à autoridade da voz e Bourne respondeu de pronto. Um momento de silêncio e, então, o cobertor de dobras mofadas foi afastado para o lado e um oficial entrou. Era o sr. Clinton, com quem Bourne lutara em Tregelly.

“Ei, Bourne!”, cumprimentou-o, e, então, vendo os outros homens, virou-se e interrogou-os gentilmente com a voz suave. O rosto tinha a palidez esverdeada de cera de abelha bruta, e os olhos estavam vermelhos e cansados; as mãos tremiam tanto quanto as deles, e trazia na voz a mesma nota de superexcitação; mas ele os escutou sem nenhum sinal de impaciência. “Bem, não quero apressar vocês”, disse por fim, “mas seu batalhão partirá antes de

nós. A melhor coisa a fazer é cortar caminho até ele. Estão a menos de 100 jardas mais abaixo da trincheira. Vocês não vão querer voltar ao acampamento por conta própria; isso não parece bom. Então é melhor partirem agora. O que desejam mesmo são doze horas de sono, e eu apenas estou apontando o caminho mais curto até seus travesseiros.”

Sua argumentação foi aceita com tranquilidade, pois estavam dispostos a fazê-lo; como qualquer um que estivesse exausto e em condições semelhantes, ficaram felizes por ter alguém para determinar o que deveriam fazer. Assim agradeceram e desejaram-lhe boa noite, se não de todo felizes, pelo menos com o ar de homens sensatos, que apreciaram sua gentileza. Bourne pensou em segui-los, mas o sr. Clinton o impediu.

“Espere um instante, Bourne, e iremos juntos”, disse quando o último escocês subiu a escada íngreme. “É indecente seguir tão de perto um escocês das Highlands, vestindo *kilt*, ao sair de um abrigo. Além disso, deixei uma coisa aqui.”

Olhando ao redor, foi direto ao cobertor e pegou a garrafa metálica. Devia parecer mais leve do que esperava, pois chacoalhou-a com ar desconfiado antes de sacar a rolha. Tomou um bom gole, apreciando-o em silêncio.

“Deixei essa garrafa cheia de uísque”, disse ele por fim, “mas os malditos Jocks¹ devem ter sentido o cheiro. Você sabe, Bourne, não sou bêbado como alguns deles, mas, por Deus, quando volto, quero uma bebida. Aqui, tome um pouco, você parece estar precisando.”

Bourne pegou a garrafa sem hesitar; estava nas mesmas condições. Vivia segundo a segundo aquele intervalo atemporal; vivia para o choque da violência do ataque. Aquele instante perigoso, no qual se equilibrava tão precariamente,

¹ Jock é o apelido (ou uma variação do nome) que os escoceses dão a Jack.

era tudo o que a consciência meio atordoada de um homem poderia compreender; se ele perdesse esse parco controle, mergulharia novamente nos pesadelos de sua própria mente, repletos de terrores e criaturas grotescas. Depois, quando a tensão cedesse ao alívio e à exaustão física que se seguiria, haveria um colapso no qual a natureza emocional do homem não estaria mais sob seu controle.

“Estamos no próximo abrigo, pelo menos os que sobraram do nosso grupo”, continuou o sr. Clinton. “Estou feliz que tenha conseguido chegar até aqui, Bourne. Você participou da última ofensiva, não? Pareceu-me que os velhos hunos² estão vindo com tudo e, se puderem, não vão querer abandonar suas posições. De qualquer forma, devemos ouvir o que aconteceu na frente. Não acredito que tenha restado mais de uma centena dos nossos.”

A maneira como falava, de forma cada vez mais rápida, mostrava que o uísque, afinal, começava a deixar seus nervos em frangalhos: em Bourne, tinha-o estabilizado, por enquanto. A chama da vela bruxuleou e apagou-se. O sr. Clinton acendeu a lanterna e enfiou a garrafa metálica no fundo do bolso da capa de chuva.

“Venha”, disse, dirigindo-se para a escada, “você e eu somos dois sujeitos de sorte, Bourne; passamos por isso sem um arranhão e, se a sorte continuar do nosso lado, pularemos de uma maldita desgraça para outra até cairmos, ouviu? Até que não aguentemos mais.”

Bourne sentiu a garganta se fechando: não havia fraqueza ou lamúria na voz do sr. Clinton; ela estava cheia de uma dolorosa ira. Apagou a lanterna quando passaram sob a lona.

“Não diga asneiras”, Bourne disse a ele na escuridão. “O senhor jamais cederá.”

² Soldados alemães.

O oficial não deu sinal de ter ouvido a repreensão simpática, mas inapropriada. Andaram em silêncio ao longo da trincheira danificada. O céu brilhava com o disparo das armas, e um tiro de morteiro encheu o caminho de luz. Ao abaixar-se, Bourne viu um homem morto no campo cinzento, escorado em um canto da trincheira. Provavelmente, já ferido, tinha se rendido e chegara à linha inimiga apenas para morrer ali. Parecia indiferente aos escombros. Seu rosto descolorido estava vazio, sem expressão. Ao dobrarem uma curva, foram interpelados pela sentinela do abrigo.

“Boa noite, Bourne”, despediu-se o sr. Clinton em voz baixa.

“Boa noite, senhor”, saudou-o Bourne, prestando continência; e trocou algumas palavras com a sentinela.

“Por Cristo que eles comecem a avançar”, disse a sentinela enquanto Bourne se virava para descer.

O abrigo estava cheio de homens, e todos os rostos, tensos e vincados, viraram-se para ver quem tinha entrado. No instante seguinte, o lampejo de interesse transformou-se em apatia e estupor novamente. O ar estava pesado por causa da fumaça e do fedor das velas derretidas. Viu Shem erguer a mão para atrair sua atenção e conseguiu chegar até ele, sentando-se espremido a seu lado. Não falaram nada depois de um ter perguntado ao outro se tudo estava bem; uma opressão pairava sobre todos os rapazes; sentavam-se como homens condenados à morte.

“Fico me perguntando se irão nos manter no apoio”, sussurrou Shem. Provavelmente essa era a pergunta que todos os soldados se faziam, enquanto ficavam ali, em sua amarga resignação, os rostos enigmáticos, melancólicos, sem esperanças mas invencíveis; mesmo os garotos pareciam curiosamente velhos. E então, de repente, tudo mudou, e os movimentos tornaram-se apressados: rapidamente as fivelas dos cintos se fecharam, os rifles

foram erguidos e, levantando-se, os homens lançaram-se à frente. Shem e Bourne estavam entre os primeiros a sair. Moveram-se em uníssono.

Projéteis voavam sobre suas cabeças; um ou dois tiros de morteiro explodiram perto dali, mas eles não viam nada além dos lados da trincheira, esbranquiçados de cal em alguns pontos, o capacete de aço sobre os ombros agitados do homem à frente ou o balançar frenético dos ramos de árvores e o céu coalhado de nuvens, por onde se entrevia a paz inalcançável das estrelas. Pareciam correr à medida que o sentimento de fuga os invadia. As paredes da trincheira de comunicação tornaram-se, pouco a pouco, mais baixas; a trilha inclinou-se e eles subiram pelas encostas de bruços até, finalmente, emergir perto do chão. O oficial, postado ao largo, verificou quantos homens faltavam se apresentar, e assim formaram duas colunas à sua frente. Havia pouca luz, mas debaixo das abas dos capacetes podiam-se ver olhos vivos movendo-se sem descanso em rostos inexpressivos. Ele também trazia a expressão vazia pelo cansaço, mas mantinha-se em pé, o bastão de comando debaixo do braço e sombras pardas à sua volta embaralhando-se segundo alguma ordem desconhecida. As ordens que vinham dele nada mais eram do que sussurros, a voz cansada e não exatamente sob controle, embora houvesse alguma firmeza nela. Então separaram-se em grupos de quatro, para longe da crista do monte, em direção a um lugar que eles chamavam de Happy Valley.

Não tinham muito para onde ir. Conforme estavam se aproximando das barracas, uma granada explodiu perto das mulas da trincheira de apoio e isso as agitou um pouco, mas não muito. O capitão Malet chamou-as, reunindo-as um pouco depois. Das barracas, geógrafos de campo, cozinheiros, oficiais de patentes mais altas e alguns homens sem colocação reuniram-se em grupos para assistir à cena,

com uma genuína simpatia, mas com uma distância tática – como se houvesse um abismo entre os homens que tinham acabado de voltar da batalha e aqueles que não tinham estado lá, tão intransponível quanto aquele que existe entre o sóbrio e o bêbado. O capitão Malet fez seus homens pararem na altura da barraca que abrigava a administração do acampamento. Podia até ser um pretexto para mandá-los entrar em formação. Então encarou-os, dezenas de olhos fixados nele por poucos segundos que pareceram uma eternidade. Eram apenas sombras na escuridão.

“Dispensar!”

A ordem foi dada em uma voz ainda mais baixa, mas eles se viraram quase com a precisão de tropas perfiladas em uma praça, cada rifle posto ao longo do corpo com elegância. O oficial prestou continência e, em seguida, a vontade que os mantinha unidos se dissolveu, os músculos tensos relaxaram e foram todos para suas barracas, tão silenciosos e desanimados quanto homens alquebrados. Um dos alfaiates tirou o cachimbo da boca e cuspiu no chão.

“Eles podem dizer a besteira que bem quiserem”, disse, apreciativo, “mas nós somos um regimento do caralho.”

Durante a noite, Bourne teve um acesso inexplicável de terror e, depois de, ainda desnortado, ter se esforçado para lembrar o que sonhara, virou-se e tentou dormir novamente. Não lembrava nada do pesadelo que o havia acordado, se é que fora um pesadelo, mas aos poucos despertou o suficiente para notar que os outros homens eram igualmente atingidos por uma vaga inquietação. Percebeu isso primeiro em Shem, cujo corpo, quase tocando o seu, tinha acabado de dar um salto rápido e convulsivo, continuando a se retorcer por um momento enquanto ele murmurava palavras ininteligíveis e mexia

os lábios como se estivesse tentando umedecê-los. A inquietação misteriosa passava de um para outro, lábios se entreabriam com o som de uma bolha estourando, dentes rangiam enquanto queixos batiam, alguns poucos sussurros que rapidamente se transformaram em soluços e depois em longos gemidos de sofrimento ou culminavam em raivas e mal articuladas obscenidades para, então, cessar, com movimentos forçados e difíceis de respiração pesada, os homens voltando a um sono mais profundo.

Mesmo que Bourne tentasse se convencer de que aquela agitação agoniada era meramente reflexo da ação – parte de um processo físico inconsciente pelo qual nervos desorientados procuravam se reajustar – ou a execução tardia de algum movimento instintivo que um excesso de cavalgada tinha contrariado em seu despertar original, sua própria mente consciente agora se via preenchida com as paixões das quais os murmúrios e a agitação ouvidos na escuridão eram apenas um mimetismo inconsciente. Os sentidos certamente têm, de alguma maneira, atividade independente, que os mantêm vigilantes mesmo com a mente eclipsada. A escuridão parecia-lhe ser obrigatoriamente preenchida com os lamentos da carne atormentada, como se alguma coisa diabólica por ali rondasse, curiosa em encontrar nervos sensíveis a fim de arrancar deles um grito relutante de dor.

Por fim, incapaz de ignorar o sentimento de miséria que o invadira, sentou-se e acendeu o inevitável cigarro. Os terrores amorfos que assombravam o sono tomaram forma. Sua mente voltou ao dia anterior, tateando entre memórias obscuras e esmaecidas; parecia-lhe agora que, na maior parte do tempo, estivera atordoado e cego, e o que presenciara voltava à sua mente em flashes repentinos, vívidos. Sentiu novamente a tensão da espera que se convertia em impaciência e revivia o imenso esforço para se mover, assim como o alívio momentâneo que vem com

o movimento, a sensação de irrealidade e pavor que tomava o corpo; o equilíbrio precariamente restaurado ao ver outros homens avançarem de forma aparentemente banal, mecânica, como parte de uma rotina; a cautela e todas as vozes dentro de cada um gritando para que se apressassem. Pressa? Ninguém pode correr sozinho rumo a lugar nenhum, em direção ao nada. Cada impulso criava imediatamente sua própria contradição violenta. A confusão e o tumulto em sua mente eram inseparáveis da fúria sem sentido que se abatia sobre ele, reforçando-se mutuamente.

Viu grandes trechos do front alemão destroçados pelas bombas assim que a artilharia abriu o caminho para eles; nuvens de poeira e fumaça tomavam o horizonte, mas os hunos buscavam escrupulosamente por eles; o ar, cheio de urgência e sofreguidão, era rasgado pelo barulho das bombas, sibilando como toneladas de metal fundido mergulhadas subitamente na água. A explosão e o subsequente abalo esmagaram os homens, aniquilados em erupções súbitas de terra, destroçados e reduzidos a fragmentos sangrentos espalhados por toda parte. Granadas eram como gatos selvagens saltando e cuspidos; ele ouviu pequenos sons, desagradavelmente próximos, como cordas esticadas arrebetando, e, então, algo se enrolou em torno de seus pés, rasgando sua calça e as grevas ao tropeçar, e Bourne encarou um rosto, uma face inconcebivelmente distorcida, delirando e chorando enquanto caíam juntos em um buraco de bomba.

Viu, espantado, o traseiro nu de um escocês que tinha entrado em ação usando apenas um *kilt*; e então se endireitaram e olharam um para o outro, perplexos e humilhados. Seguiu-se um momento de lucidez enquanto tomavam fôlego, e ele encontrou-se, embora sem ferimentos, perguntando a si mesmo, com uma prudência insana, onde ficaria o hospital de campo mais próximo.

Outros homens apareceram; dois outros Gordons³ se juntaram à dupla, e depois o sr. Halliday, que se lançou sobre eles mantendo a cabeça bem abaixada e xingando-os sem parar de malditos covardes. Tinha um pequeno ferimento no antebraço. Seguiram avançando, a poeira e a fumaça começavam a se dissipar, e então ouviram o zunido das granadas de mão assim que alcançaram uma trincheira vazia, muito estreita, que ainda não havia desmoronado ou sido enterrada. O sr. Halliday foi novamente atingido, no joelho, antes de chegarem à trincheira, e Bourne sentiu alguma coisa acertar a frente de sua túnica. Puxaram o sr. Halliday para dentro da trincheira e o deixaram com um dos escoceses que também tinha sido atingido. Os homens estavam dirigindo-se para lá, e ele, mais uma vez, avançou com alguns soldados de sua companhia.

Desde o momento em que tinha se jogado com o escocês no buraco de bomba, alguma coisa mudara dentro dele; o conflito que tumultuava seus pensamentos aparentemente tinha ido embora; sua mente parecia tê-lo abandonado, contraindo-se e enrijecendo-se dentro dele; o medo permanecera, um temor implacável e inquieto, mas que também, como se tivesse sido malhado e forjado até um ponto de sensibilidade requintado, se tornara indistinguível do ódio. Apenas os instintos animais tinham sobrevivido; cada sentido estava alerta e a tensão, pungente. Ele também não sabia onde estava, nem aonde iria; não conseguia traçar nenhum plano porque não conseguia prever nada. Tudo que estava acontecendo era inevitável e inesperado; e ele era mais um evento em toda uma cadeia de eventos. Embora seus movimentos

³ Assim eram chamados os soldados escoceses que faziam parte do The Gordon Highlanders, um regimento de infantaria do Exército britânico.

precisassem estar, de forma espontânea, de acordo com os dos outros, como parte de algum plano infinitamente flexível que Bourne não compreendia muito claramente, nem em relação a seu objetivo imediato, ele não poderia confiar em ninguém senão nele mesmo.

Trabalhavam em torno de uma posição ainda protegida por metralhadoras, através de um sistema bastante intrincado de trincheiras que se ligavam a buracos de bombas. As trincheiras eram pouco mais do que tocas de fuga por meio das quais os metralhadores, depois de deter o máximo possível o avanço da infantaria, talvez pudessem recuar para alguma outra posição e retomar seu trabalho, ganhando, assim, tempo para as tropas na retaguarda recuperarem-se dos efeitos do bombardeio e saírem de seus esconderijos. Eram homens especialmente corajosos aqueles atiradores prussianos, mas o extremo heroísmo, tanto no inimigo quanto no amigo, é indistinguível do desespero.

Bourne se viu repetindo a brincadeira de sua infância – não naquele momento, entre as rochas das quais o calor reverberava em películas ondulantes, mas nas fissuras calcárias e imutáveis, para um esconderijo perfeito. Talvez não se tenha, aos 30 anos, o mesmo entusiasmo pelo jogo como o que se teve aos 13, mas o senso de perigo despertado por uma experiência latente, que tinha se tornado nele uma espécie de instinto, levou-o a se movimentar por aqueles caminhos tortuosos com a astúcia furtiva de um arminho ou de uma doninha. Inclinando-se em ângulo na trincheira, viu o caminho à frente um tanto reto e vazio. Quando o homem que estava atrás se aproximou, Bourne prosseguiu, ainda inclinado. A linha de avanço, segura em um ponto, inevitavelmente tendia a virar um cerco e, de repente, foi abandonada pelos poucos homens que a sustentavam.